

TIQUINHO DE ALEGRIA: TERAPIA DE HUMANIZAÇÃO COM PALHAÇOS SOB A PERSPECTIVA DE ACOMPANHANTES

CARVALHO, Jessica Moreira¹; GALVÃO, Adilla Ramalho Marques²; MONTEIRO, Lidia da Silva³; TARGINO, Joellen Nascimento Freitas⁴; QUEIROZ, Maria Yvone Carlos Formiga⁵; OLIVEIRA, Iaponira Cortez Costa⁶

Hospital Universitário Lauro Wanderley-HULW/UFPB, PROBEX.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo conhecer a opinião dos acompanhantes de crianças hospitalizadas sobre a atuação do grupo de estudantes vestidos de palhaços do Projeto de Extensão Tiquinho de Alegria no Hospital Universitário Lauro Wanderley/UFPB. Estudo exploratório, de natureza qualiquantitativa, com uma amostra de 84 acompanhantes. Utilizou-se como instrumento um questionário com perguntas abertas e fechadas. Constatou-se que a maioria dos participantes gostou muito das intervenções lúdicas realizadas pelos palhaços percebendo influência positiva na autoestima das crianças, inclusive proporcionando momentos de alegria para eles mesmos. Conclui-se que a terapia de humanização com palhaços é uma estratégia muito importante na assistência e que as brincadeiras e o riso promovem um ambiente com alegria e cores, contribuindo para diminuir o estresse e ansiedade resultantes do ambiente hospitalar.

Palavras-chave: humanização, hospital, terapia pela arte.

INTRODUÇÃO

A hospitalização exerce uma influência negativa sobre o bem estar psicológico não só dos internos mas também dos seus acompanhantes. Para minimizar esse cenário, estudantes de diversos cursos de graduação integrantes do Projeto de Extensão Tiquinho de Alegria se fantasiam de palhaços e realizam atividades onde o riso e a alegria norteiam o cuidar humanizado às crianças internadas no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), justificando esse estudo. A atuação dos palhaços é repleta de “injeções de risos” e de “cirurgias de felicidade” incentivando a interação entre crianças, família e profissionais de saúde, buscando superar as vulnerabilidades, adicionando alegria ao atendimento para mitigar situações de medo e solidão, caracterizando a importância da temática no contexto da humanização. Paraphraseando Madre Tereza de Calcutá *"A todos os que sofrem e estão sós, dai sempre um sorriso de alegria. Não lhes proporciono apenas os vossos cuidados, mas também o vosso coração."*. Assim, questiona-se: será que as atividades dos palhaços, divertindo, provocando risos e alegria são importantes para a humanização das crianças hospitalizadas? A fim de sanar

¹ Universidade Federal da Paraíba, discente colaboradora, jessica_mdcarvalho@hotmail.com

² Universidade Federal da Paraíba, discente colaboradora, adillagalvao@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba, discente colaboradora, joellen_jp@hotmail.com

⁴ Universidade Federal da Paraíba, discente colaboradora, lidia_td@hotmail.com

⁵ Universidade Federal da Paraíba, discente bolsista, yvoneformiga@hotmail.com

⁶ Universidade Federal da Paraíba, Técnica orientadora, iaponiracortez@yahoo.com.br

essa dúvida objetivou-se investigar a opinião dos acompanhantes sobre a terapia de humanização com palhaços.

DESENVOLVIMENTO

A admissão hospitalar modifica o cotidiano daquele que é o personagem deste processo, o paciente, interferindo e modificando a sua unidade familiar. Além disso, envolve aqueles que fazem parte de seu dia-a-dia: parentes, amigos, colegas de trabalho, vizinhos (NEMAN, 2003). Sabe-se que o processo de internação hospitalar pode desenvolver sentimentos confusos e dicotômicos na criança e sua família, como cura e morte, alegria e tristeza e medo e confiança, caracterizando o hospital como um ambiente de experiências dolorosas e significativas para toda a vida. No caso da hospitalização infantil, todos estes problemas parecem ter implicações maiores. As reações da criança à doença e à hospitalização dependem principalmente do nível de desenvolvimento psíquico na ocasião da internação, do tipo de patologia, do grau de apoio familiar e das atitudes da equipe de saúde (BALDINI, 1999). Portanto, o manejo de tal situação apresenta-se como uma tarefa complexa para a família da criança hospitalizada, exigindo da equipe de saúde assistência diferenciada e peculiar a este processo, para que possa trazer benefícios (COLLET, 2002).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório, transversal, com abordagem quali-quantitativa. A amostra foi composta de 84 acompanhantes de crianças internadas nas Clínicas de Doenças Infectocontagiosas (DIC) e Pediatria do Hospital Universitário Lauro Wanderley. A coleta de dados compreendeu o período de fevereiro a outubro de 2013. Utilizou-se como instrumento para a coleta dos dados um questionário semiestruturado, aplicado após as intervenções lúdicas entre palhaços e crianças, onde se avaliou o perfil dos acompanhantes além do seu grau de satisfação em relação às atividades realizadas e a opinião destes por discurso aberto. O estudo observou as diretrizes da R. 466/2012, CNS/MS e foi aprovado pelo Comitê de Ética do HULW sob o número - CAAE:0396.0.000.126-10. A análise dos dados constituiu-se operacionalmente em gráficos e tabelas e categorias de análise textual, quais sejam: benefícios para o ambiente hospitalar e a influência da figura do palhaço na melhora da criança.

RESULTADOS

Com relação ao perfil sociocultural dos acompanhantes das crianças, verificou-se que 17,9% (n=15) eram do sexo masculino e 82,1% (n=69) do sexo feminino. Quanto ao grau de parentesco com a criança, a maioria era mães (72,6%), mas também

encontramos pais (7,1%), irmãos (4,8%), tios (7,1%), avós (3,6%), primos (2,4%) e amigos(1,2%). As frequências absolutas estão representadas no gráfico 1. Em relação à faixa etária, a maioria dos acompanhantes enquadrava-se entre 24 a 36 anos (52,4%).

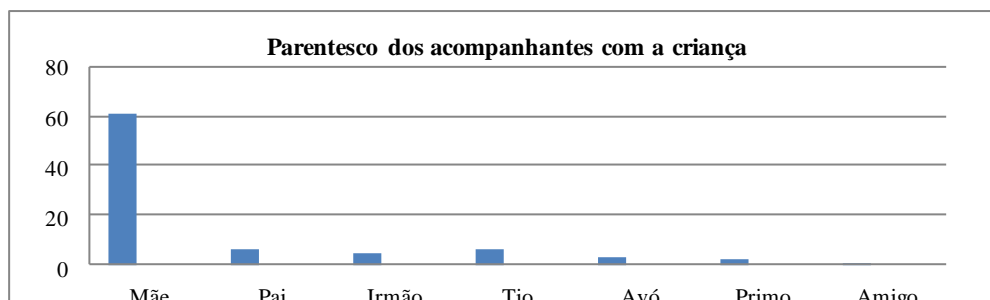


Gráfico 1- Parentesco dos acompanhantes com a criança.

Fonte: Dados da pesquisa, João Pessoa, Paraíba, 2012.

No gráfico 2 que representa a escolaridade, 42,9% não haviam completado o ensino fundamental, 22,6% possuíam o ensino fundamental completo ou médio incompleto, 8,3% relataram não ter nenhum grau de instrução escolar e 14% tinham ensino superior, completo ou não.

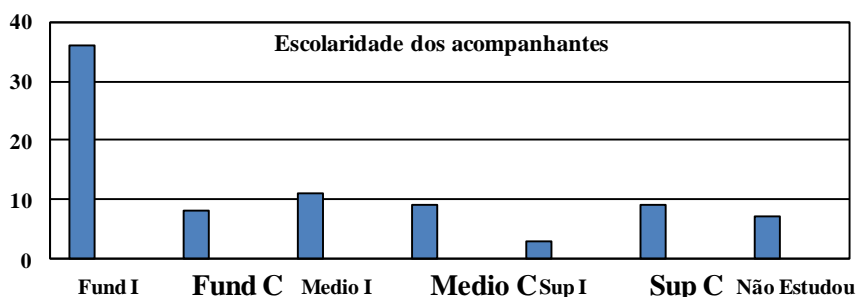


Gráfico 2- Escolaridade dos acompanhantes.

* Fund I=fundamental incompleto, Fund C= fundamental completo, Médio I= ensino médio incompleto, Médio C= ensino médio completo, Sup I= superior incompleto, Sup C= superior completo.

Fonte: Dados da pesquisa, João Pessoa, Paraíba, 2012.

Quando indagados sobre a aceitação dos palhaços nos hospitais, a grande maioria relatou que gostou muito das atividades realizadas (gráfico 3).

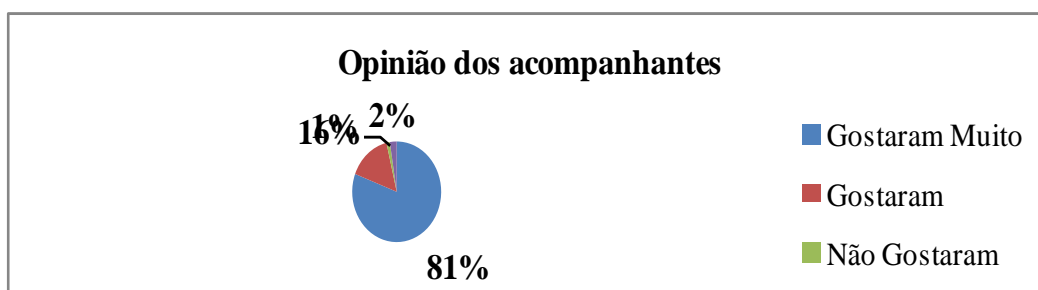


Gráfico 3- Aceitação da palhaçoterapia pelos acompanhantes.

Fonte: Dados da pesquisa, João Pessoa, Paraíba, 2012.

Quanto aos relatos dos acompanhantes, o impacto da palhaçoterapia também foi positivo quando responderam por discurso aberto, como podemos ressaltar na seguinte narração *“diverte os pacientes e a gente”*. Apesar do público-alvo das intervenções serem as crianças hospitalizadas, os acompanhantes também apontam os aspectos benéficos para eles do apoio psicossocial fornecido pelo projeto: *“Levantou minha autoestima. Ri hoje, coisa que nunca mais tinha feito”*, ou ainda *“É muito cansativo ficar no hospital e este trabalho ajuda a gente a suportar”*. Percebe-se que os acompanhantes também são personagens do contexto hospitalar, pois no papel de cuidadores, estão afastados do seu cotidiano e passam pelo momento difícil da hospitalização de um filho ou parente.

Os discursos sobre a importância da presença do palhaço no ambiente hospitalar para as crianças hospitalizadas caracterizaram-na como uma forma da criança encontrar refúgio da situação vivenciada naquele momento, pois muitas vezes se apresentam com medo e angustiadas. Além disso, os palhaços proporcionam instantes de alegria e descontração, modificando o ambiente hospitalar:

“...é bom para animar as crianças e passar o tempo. Principalmente dia de domingo que é bem esquisito aqui. É bom para as crianças e os acompanhantes”.

“Acredito que os palhaços deveriam vir todos os dias, pois meu filho ficou muito feliz”; *“muito importante mesmo para a criança pelo momento que ela esta passando”*.

“Ele estava triste e chateado porque tinha colhido o sangue, mas quando os palhaços apareceram ficaram rindo”.

Alguns acompanhantes relataram a melhora do quadro clínico da criança, aumento da autoestima e segurança vivenciados pela criança:

“Um excelente trabalho. As crianças melhoram até mesmo o quadro clínico” e ainda, “Trouxe animação e segurança para as crianças”.

“Agradeço muito a visita dos palhaços. O meu filho estava tristonho e queria voltar para casa e isso estava me deixando angustiada, mas a visita alegrou meu filho e me fez esquecer os problemas por alguns minutos.”

“Acho que é muito importante. Ela até esqueceu que estava com o soro na hora da brincadeira.”

Verificamos que para os acompanhantes, as intervenções mesmo de forma pontual ajudam a enfrentar os problemas e medos e a modificar o ambiente hospitalar imbuído do modelo tradicional de uma assistência com profissionais vestidos de branco, centrados na doença, repletos de técnicas e ausentes de carinho. As atividades lúdicas possibilitam a criação de autoconfiança e coragem para superar o momento ao lado do

paciente, que tanto necessita deste suporte. Neste sentido, Azevedo et al., (2008) apontam que a expressão de positividade, no ponto de vista dos acompanhantes, remete a aceitação das intervenções, sendo uma tentativa de atenuar os efeitos ansiogênicos, defesas conscientes e inconscientes e medos, diante das dificuldades de acompanhar e cuidar da criança hospitalizada.

É importante ressaltar que a incorporação do lúdico através da palhaçoterapia, reforça as relações interpessoais entre acompanhantes, crianças e equipe de saúde, promovendo uma integração. Portanto, deve envolver todos da instituição direcionando a atenção à saúde voltada às características individuais do paciente (MITRE, 2007).

CONCLUSÃO

Constatou-se através do estudo a aprovação, por parte dos acompanhantes, das ações desenvolvidas pelos integrantes do projeto de Extensão Tiquinho de Alegria. Embora as atividades sejam primordialmente direcionadas para as crianças, observou-se através dos relatos dos acompanhantes que eles também foram beneficiados pelas intervenções de caráter humanizado.

O período de hospitalização deixa fragilizado tanto a criança internada como o acompanhante, pois ambos são afetados pelo processo de adoecimento, além de estarem sujeitos a fatores implicados nesse decurso: o distanciamento das relações sociais e a perda das atividades cotidianas. Dessa forma, a palhaçoterapia evidencia sua importância, na medida em que proporciona momentos de alegria e um ambiente hospitalar mais humanizado, tanto para a criança quanto para o acompanhante. Ambos se divertem durante as intervenções dos palhaços e se sentem mais aliviados do estresse ao qual estão submetidos. Deve-se considerar também o impacto positivo do riso, da alegria e das brincadeiras na dimensão psicológica e no humor da criança e do acompanhante, aspectos que influenciam no bem-estar e na qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, D. M. et al. O brincar como instrumento terapêutico na visão da equipe de saúde. **Ciência, Cuidado e Saúde**. V. 6. n. 3.p.335-41. 2007.

BALDINI, S., M. KREBS, V., L., J. A criança hospitalizada. **Pediatria**.v.21,n.3, p.182-90. 1999

COLLET, N. OLIVEIRA, B., R., G. **Enfermagem pediátrica**. Goiânia: AB Editora; 2002.

NEMAN, F. SOUZA, M., F. Experienciando a hospitalização com a presença da família: um cuidado que possibilita conforto. **Revista Nursing**.v.56,n.6,p.28-31. 2003

MITRE, R. M. A.; GOMES, R. A perspectiva dos profissionais de saúde sobre a promoção do brincar em hospitais. **Ciência e Saúde Coletiva**. v.12. n.5, p.1277-84. 2007.